

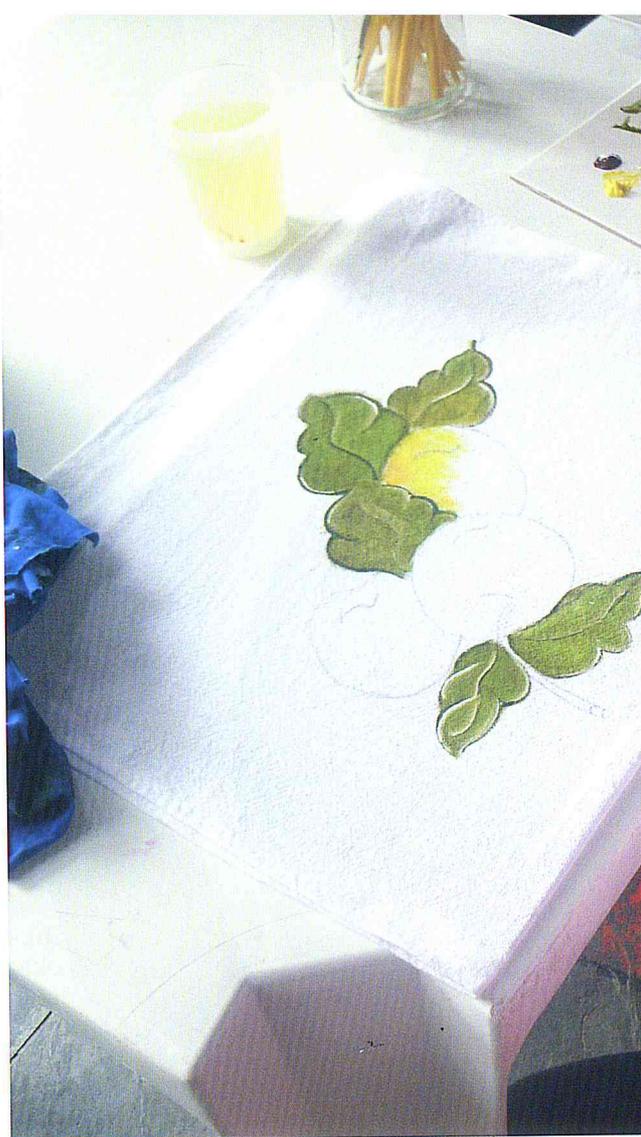


PROJETO VIVENDO COM AIDS

Projeto trabalha convivência e alternativas de autossustentabilidade

Em um casarão próximo à Represa Guarapiranga, na zona sul de São Paulo, um grupo de mulheres participa de uma oficina de bordado. Na hora do intervalo, fazem um lanche frugal. Quando voltam à oficina, o tema é mudado. Ao invés do ponto cruz, formas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DST) e ao HIV/aids. “Fizemos os cursos com as oficinas de prevenção intercaladas porque tentamos marcar em separado e não aparecia ninguém”, conta Norma Calandriello, coordenadora do Projeto Vivendo com Aids, do Grupo Conviver é Viver.

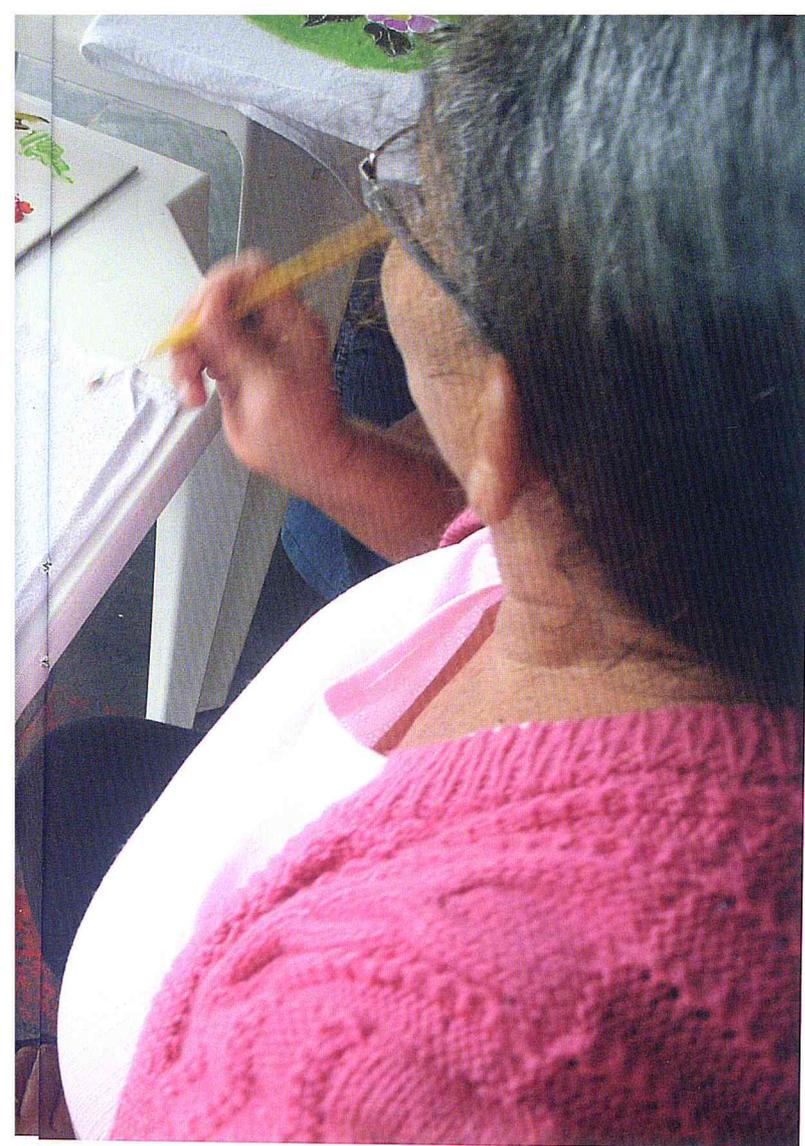
O Projeto Vivendo com Aids trabalhou a prevenção das DST e do HIV e autossustentabilidade para a população das adjacências da represa. Nas aulas de artesanato foram ensinados crochê, ponto cruz e pintura em tecido. Na horta-escola, os participantes aprenderam a cultivar produtos orgânicos e na oficina de alimentos saudáveis, como reaproveitar alimentos produzidos na horta. As oficinas de economia solidária foram destinadas à formação de pequenos empreendedores. Além disso, aulas de ginástica e dança conscientizaram pessoas com HIV e aids sobre a importância da prática de exercícios físicos para melhorar a qualidade de suas vidas.



“A gente aprende tudo de novo, a comer melhor, a dormir melhor, a ter uma saúde melhor. Tudo o que não fazia antes, a gente reaprende a fazer”, diz Toniel Basílio, soropositivo há dois anos e beneficiário do projeto. Atualmente ele compõe a equipe como agente de prevenção da Cas como o grupo é chamado. “Foi uma aprendizagem boa para mim, que me motivou a ajudar essa população carente.”

A maioria da população atendida pelo Conviver é Viver está em situação de pobreza. “Grande parte das mulheres ficava em casa cuidando dos filhos, sem possibilidade de ajudar na renda familiar. Com os cursos, elas aprenderam

“A gente aprende tudo de novo, a comer melhor, a dormir melhor, a ter uma saúde melhor. Tudo o que não fazia antes, a gente reaprende a fazer”



a bordar, a pintar em tecido, a fazer crochê e começaram a vender seus produtos”, diz Norma. “Na parte da prevenção, desmistificamos muita coisa e abrimos um leque para a comunidade, que não havia”, acrescenta ela, referindo-se a como a comunidade encarava o trabalho da ONG. “Tinha gente que atravessava a rua, não passava na porta.”

Norma conta que foi necessário primeiro atualizar a equipe da Casa sobre os aspectos da prevenção e do tratamento das DST e do HIV e aids. “Mesmo pessoas que frequentavam a casa tinham uma ideia distorcida do que é ser soropositivo e do que é ter aids, ou como se contrai o HIV. Não adiantava capacitar alguém de fora se quem era da Casa estava mal informado.”

E foi internamente, também, que aconteceu uma das desmistificações no âmbito da prevenção promovidas pelo Grupo Conviver é Viver. “Eu fui capacitada pelo CTA (Centro de Testagem e Aconselhamento) para falar entre pares: mulher casada falando para mulher casada, gay com gay; por isso, foi um desafio muito grande para mim, mas me acolheram muito bem”, diz Tábata Alves, técnica responsável pela prevenção no projeto. Ela mesma foi uma das assistidas do grupo, anos atrás. Travesti “com muito orgulho”, Tábata diz que não fala só de prevenção. “Eu

falo de prevenção e ainda me identifico como uma das soropositivas da Casa.”

Tábata teve a ajuda de Toniel para escolher os vídeos assistidos e os informativos abordados nos espaços de prevenção das oficinas. O CTA também foi um grande parceiro, diz ela, que conta ter acompanhado seis mulheres de uma vez ao serviço para a realização de testagem e aconselhamento. “Começamos com a equipe da Casa, porque elas não queriam ir. A Norma e as voluntárias foram. Algumas mulheres perguntaram se teriam que ir sozinhas. Fui com elas e esperei todo mundo fazer a testagem no CTA. Elas não queriam ir sozinhas, precisavam ter por perto alguém em quem pudessem confiar”, revela.

Tábata revela, ainda, que tem dificuldades com a nova geração. “Os que estão se infectando têm de 14 a 24 anos. Três desses jovens estão resistindo demais em vir. Muito deprimidos, ligam dizendo que vão se matar, que vão sair do trabalho. Eu respondo enfatizando que não conseguiremos ajudar se eles não se dispuseram a vir e conviver conosco.” Ela conta que mostrou um vídeo sobre pessoas que vivem com HIV há muito tempo, que têm filhos e uma vida sexualmente ativa, normalmente. “Mas é bem difícil.”

Uma última atividade acontece no terceiro sábado de cada mês, quando algumas pessoas vivendo com HIV ou aids participam de um café da manhã. “Fazemos uma roda de conversa bem descontraída e nesse momento acompanhamos se estão tomando a medicação, se estão fazendo o tratamento corretamente”, diz Tábata. “Alguns deles nem aparecem quando há qualquer atividade aberta. Outros trazem alguém da família”, ressenete-se Norma.

Ela pondera que apesar da alta rotatividade de participantes, o projeto atingiu uma média de 500 pessoas. “O objetivo era acessar 30, mas nós temos 40 famílias cadastradas. Conseguimos acessar praticamente toda a comunidade. Foi bem gratificante. Agora, 90% dos nossos voluntários são moradores da região. A Casa foi uma descoberta para a comunidade.”

Conviver É Viver
Grupo Conviver é Viver
Projeto Vivendo com Aids

População Prioritária

- ✓ Adultos vivendo com HIV e aids
- ✓ Pessoas em situação de pobreza

Área de Atuação

- ✓ Promoção e Prevenção
- ✓ Promoção de Direitos Humanos

